

ARTEIRO & AMARO: A REALIDADE E A FICÇÃO SE CONFUNDEM – UM CRIME EM ACARAÚ-CE NO ANO DE 1931¹**Antonia Lilian Ferreira de Paiva²
Francisco Dênis Melo³**

RESUMO: Traçaremos um diálogo entre a história e a literatura. Perceberemos as possibilidades de um *real* que também é *ficção*. Iremos tratar de uma obra de Eça de Queiroz, especificamente do livro *O crime do Padre Amaro*, elencando as semelhanças e dessemelhanças com a “história real” vivenciada por Padre José Arteiro Soares, vigário de Acaraú.

Palavras-chave: Literatura e História, realidade e ficção.

RÉSUMÉ: Nous traçons un dialogue entre l'histoire et la littérature. Réaliser les possibilités d'un réel qui est aussi une fiction. Nous allons traiter un travail de Eça de Queiroz, en particulier le livre *Le crime du père Amaro*, la liste des similitudes et des différences avec la "vraie histoire" vécue par Padre José Soares Arteiro, vicaire de Acaraú.

Mots-clés: littérature et l'histoire, la réalité et la fiction.

INTRODUÇÃO

A história por traz do assassinato do Padre José Arteiro traz em si muitos silêncios. Nicodemos Araújo⁴ relega ao padre vitimado alguns anos de sua atuação como sacerdote da cidade de Acaraú, apenas datando a sua entrada entre os anos de 1926 a 1928, excluindo de sua história quase três anos de sacerdócio naquela cidade, e seu assassinato ocorrido no dia 19 de julho do ano de 1931. O que Nicodemos relata é apenas uma pequena reforma, a colocação do forro da Igreja além de uma simples pintura. Nada mais é revelado sobre o padre, como se ele quisesse ocultar algo. Segundo algumas fontes ele teria sido assassinado por manter um relacionamento com a irmã de seu assassino e que este teria vindo vingar-se dessa desonra. O autor dá um salto para o mês de agosto do ano de 1931, quando assumia Monsenhor Sabino de Lima, como novo pároco. Em alguns momentos o autor se contradiz a respeito do ano em que Monsenhor Sabino teria assumido e fica oscilando em sua escrita entre os anos de 1931 e 1932 como a data da posse do novo vigário.

1 Trabalho de Conclusão (original) de Curso apresentado no dia 20 de dezembro de 2013 no Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

2 Acadêmica do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

3 Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Atualmente é professor V da Universidade Estadual da Universidade Vale do Acaraú

4 ARAÚJO, Vicente Freitas. *O Carpinteiro das Letras: perfil biobibliográfico e antologia de Nicodemos Araújo*, Tanoa Editora, 2004. Disponível em www.jornaldepoesia.jor.br/nicodemosaraujo.html acessado em 12/08/2013. Manoel Nicodemos Araújo, nascido em 10 de março 1905 na atual cidade de Bela Cruz e falecido em Acaraú no ano de 1999. É sem dúvida uma figura importante da região, autodidata, católico fervoroso, poeta, dramaturgo, além de um memorialista essencial a nossa pesquisa.

Segundo Nicodemos Araújo a Igreja Matriz de Acaraú teria sido novamente reformada, muito provavelmente com o intuito de criar uma nova memória a respeito do ambiente onde se deu a morte de padre Arteiro, pois o mesmo teria sido alvejado com três tiros dentro da sacristia da Igreja no momento em que ele se preparava para rezar missa.

Este trabalho pretende fazer uma análise comparada entre uma história “real” e uma história “ficcional”, o que nos interessa é perceber as semelhanças assim como as diferenças existentes entre a história de Eça de Queiroz, em *O Crime do Padre Amaro* e a história do Padre Arteiro.

Percebendo as semelhanças e as diferenças existentes entre ambas. Quem era Padre Arteiro? E quem era Padre Amaro? Qual o crime que ambos cometeram e qual foi o resultado para ambos?

Padre Arteiro é assassinado em Acaraú – CE no ano de 1931 onde era pároco, sua morte acaba por revelar seu “crime” ao conhecimento público, crime esse vingado por Hildebrando Giffoni, irmão de Augusta Giffoni, que teria vindo especialmente do Rio de Janeiro para lavar a honra da sua irmã com sangue. O motivo para tal ocorrido seria o envolvimento amoroso entre o pároco e a moça que veio a falecer devido poderoso abortivo que a mesma tomara na tentativa de esconder que estava grávida. A partir da morte de D. Maria Augusta Giffoni é que “O Crime do Padre Arteiro” acaba por ser descoberto e é a partir daí também que poderemos suscitar o diálogo com a obra de Eça de Queiroz, onde Amaro, personagem principal da trama, sendo pároco de Leiria acaba mantendo um romance proibido com Amélia Caminha.

O CRIME DE PADRE AMARO

Nada mais importante para chamar atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-lo de um lado nem de outro.⁵

Podemos dizer que a literatura nos dá visões de mundos que se misturam e se confundem, criando possibilidades de um real, e esse se desenrola em uma época e lugar que não necessariamente são os mesmos de quem os lê, nesse quesito a literatura se desnuda das imposições de ciência, caso da história presa a mecanismos que têm sabor de verdade, a literatura produz um texto que extrapola o real, dando-nos às vezes a sensação de que somos os próprios personagens.

5SOUZA, Antonio Candido de Mello. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, T. A. QUEIROZ, 1972.p.3

Segundo Marcos Alexandre Capellari, numa visão aristotélica, a diferença entre História e Literatura estaria no próprio *fato*, pois para nós historiadores ele é tido como algo imutável e/ou inalterável, enquanto na literatura traria a possibilidade de algo que não aconteceu e/ou que poderia ter sido. Sob o olhar do historiador atual temos essas ideias modificadas, onde na realidade o que temos são representações do real em que a imaginação do historiador se faz imprescindível, pois para chegarmos ao *fato* o que temos são apenas sinais e/ou vestígios do qual nem sempre poderemos tirar respostas, prevalecendo a verossimilhança do que foi.⁶

Para Sandra JatahyPesavento, a *imaginação do possível* é o que traz coerência e significação para o nosso real e a partir dela que o mundo se organiza e acontece:

Clio se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativa explicativa do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música.⁷

Segundo a mesma, faz-se necessário uma averiguação do significado da palavra ficção que pode significar fingimento, simulação, imaginação, fantasia, invenção ou criação, o que se aproxima do que desejamos para nossa pesquisa, que é o ato da criação que o historiador toma a partir de suas fontes, pois, não podemos trazer o passado de volta como realmente aconteceu, o que podemos é criar uma representação desse real imaginado.

O romance *O Crime do Padre Amaro*, escrito em 1871 e publicado por Eça de Queiroz no ano de 1874 em Portugal, tem características do Realismo, vertente literária que prima por retratar o que seria a realidade de determinada sociedade, claro que com toda a imaginação de quem escreve, como retratado na epígrafe acima, com certos exageros comuns a escrita literária. O autor descreve o ambiente de sua sociedade e hábitos tal como os percebia.

Logo em suas primeiras linhas nos dá a notícia da morte do padre José Migueis, até aquele momento pároco da mesma cidade. Dois meses depois já se havia nomeado outro padre, este o jovem Padre Amaro Vieira. A única pessoa que o conhecia na cidade era seu antigo mestre de Moral do seminário, Cônego Dias, tido como rico, morava com sua irmã “d. Josefa Dias”, madrinha de Amélia Caminha que era filha de Sra. Augusta Caminha, mais conhecida como S. Joaneira, e que morava na Rua da Misericórdia e recebia hospedes em sua casa. Todos comentavam da amizade de

⁶ CAPELLARI, Marcos Alexandre. **Ficção e História:** fato, imaginação e representações. Texto originalmente apresentado no IV Simpósio Multidisciplinar da Uni Fai. p. 50-62 Margens Ano 2 n° 4, 2006.

⁷PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura:** uma velha nova história. Ver em <http://nuevomundo.reverso.org/document1560.html?format=print> 5/10/2007.p.2

longa data entre ela e o cônego.

Quando Amaro chega a cidade o Cônego já o espera ao lado do Coadjutor da Sé, levando-o, a se hospedar na casa da S. Joaneira onde é recepcionado pelas pessoas da casa, conhecendo Amélia que chega um pouco depois dos padres na casa de sua mãe. Nesta mesma noite Amaro tem problemas para dormir, pois ficar perturbado ao ouvir Amélia a se trocar para dormir. Além de Amélia e a S. Joaneira havia na residência uma criada chamada Ruça e uma irmã da dona da casa que era tida para época como *idiota*⁸.

Amélia é uma moça de 23 anos que neste momento da trama mantém um relacionamento com João Eduardo com quem chega a noivar em um dado momento da história, relacionamento do qual Amélia não fazia questão, principalmente depois da chegada de Amaro com quem trocava olhares e brincadeiras.

Amaro já apaixonado detestava a figura de João Eduardo que ia todas segundas e quartas para namorar Amélia, crescia nele um ciúme possessivo, mescla de ódio e desejo que o fazia enlouquecer, muitas vezes desejou ir embora para longe, para não ver a felicidade do casal.

Um dia depois de um jantar na casa da D. Maria da Assunção, uma das amigas da S. Joaneira, ao voltar à hospedagem pensando estar sozinho, encontra as portas abertas e como não é percebido acaba por descobrir algo que não esperava, no quarto da dona da casa estava ela e o Cônego Dias, Amaro não diz nada, sai a vagar, ruminando pensamentos a respeito do episódio e duvidando da inocência de Amélia, chegando a um ponto de desejar ser para Amélia o que o Cônego é para sua mãe.

Alguns dias depois foi a um jantar com o abade de Cortegaça onde os padres da região se reuniam a falar de seus rebanhos, e Padre Amaro começa a perceber mais e mais que seus pares que tanto lhe pregavam a moral e a fidelidade aos preceitos da Igreja, estavam todos corruptos e essa corrupção já estava por lhe afetar. Ao voltar para Leiria a pé acaba dando de cara com Amélia que estava nas proximidades do terreno da mãe, em um momento de brincadeira o padre dá a primeira demonstração de desejo por Amélia ao beijar-lhe o pescoço. Sem saber que ela também o desejava acaba por ir morar em uma casa afastada. Amélia acaba por confessar ao mesmo que está com muitas saudades e exige sua presença em sua casa, onde durante as reuniões costumeiras as partidas de quinhão⁹ assim começam a se tocar aos poucos e o desejo de ser um do outro cresce.

João Eduardo percebendo tudo o que se passa e querendo afastar seu rival acaba fazendo

⁸Termo utilizado para designar atraso mental congênito grave, equivalente a uma idade mental não superior a três anos, caracterizado por um quociente de inteligência inferior a 20 e linguagem muito rudimentar. Ver em <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=idiota>.

uma denúncia anônima ao jornal *Voz do Distrito*, sobre forma de comunicado, onde denunciava o clero da região em geral, mas principalmente a Amaro colocando-o como sedutor de jovens moças, o que causou muito alvoroço sendo então formalizado o noivado entre João e Amélia, para limpar o nome da jovem do escárnio da vizinhança. Ele acaba sendo descoberto, através da confissão da mulher do dono do jornal, a partir daí sua vida se torna uma confusão, por ter atentado fisicamente contra o padre em um momento de fúria, pois o mesmo estaria a confessar Amélia o que dava a ele maior poder de sedução, sendo mesmo assim “perdoado” pelo padre que se vê vitorioso, pois afastara seu rival e conquistaria de vez o coração e os desejos de sua amada. Com o estigma de ter sido excomungado João Eduardo vai embora de Leiria.

Após todos os sustos provocados pelo comunicado de João Eduardo, o casal continua em suas noites excitantes de toques e desejos que viriam em fim ser consumados quando em um dia de chuva, em que Amélia após um jantar em casa de D. Josefa Dias não consegue voltar para casa e em companhia do padre Arteiro, na tentativa de fugir da chuva param justamente na casa do pároco. Porém esta cena acaba tendo uma testemunha, Dionísia, a nova criada de Amaro que lhe aconselha a usar a velha casa do Sineiro, senhor que morava nos fundos da Igreja, usando com a desculpa de uma preparação espiritual para a moça tornar-se freira escondido da mãe que se recusava a atender o desejo da filha, e para a S. Joaneira o de ensinar os mandamentos a filha do Sineiro, de nome Totó que era doente.

Amélia a cada dia mais se achava fascinada por Amaro, cada novo encontro era como um paraíso na terra, mesmo tendo que ensinar o evangelho a Totó que detestava. Com o passar do tempo ela começa a ter crises de consciência o que põe em jogo seu romance. Ela não conseguiu disfarçar seu estado de perturbação, sua mãe acaba percebendo e pedindo ao Cônego que descubra o que acontece com a menina, ao chegar a casa do Sineiro descobre através de Totó do romance de Padre Amaro e Amélia, tomando as dores de “pai” vai ao encontro de padre Amaro. Padre Amaro por sua vez revela saber do caso do Cônego com a S. Joaneira e ambos acabam por se tratarem por "sogro" e "genro".

Algum tempo depois Amélia engravida, e Amaro pede ajuda ao Cônego Dias. Eles tem a ideia de casar a moça com João Eduardo, livrando-o de perder o cargo de sacerdote e a moça sua moral perante a sociedade. Ela demora a aceitar a proposta, mas acaba aceitando, causando ciúmes em seu amante. Amélia promete continuar se encontrando mesmo ela casada com João Eduardo o

9Do latim quinio,-onis, reunião de cinco, quina. Era uma espécie de jogo de cartas em que era necessário ter cinco pessoas para jogar. Ver em www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=quinhão. Acesso em 02/09/2013.

que o tranquiliza, pois não perderia por completo os deleites de sua bela Amélia. No entanto João Eduardo não é encontrado e eles tendem a optar por outra solução. Neste momento dona Josefa fica doente e eles se aproveitam disso para enviar Amélia ao subúrbio para cuidar de dona Josefa que era sua madrinha, enquanto sua mãe vai passar uma temporada na praia. Amélia fica triste por se separar da mãe e pelo abandono de padre Amaro, que tende a permanecer em Leiria. Fica angustiada e começa ouvir vozes que lhe condenam, seu problema só aumenta ao ver sua madrinha censurá-la pelo mau passo, pois para dona Josefa ela teria se envolvido com um homem casado e estaria grávida de um filho bastardo. A jovem consegue um pouco de alívio quando conhece o bom abade Ferrão, um dos poucos personagens eclesiásticos apresentado como íntegro, sendo ele malvisto por seus modos nada convencionais de transmitir a palavra de Deus. Ele passa a ser seu confessor, o que incomoda Amaro que vê seu domínio sobre Amélia diminuir, e a aconselha a deixar a paixão que sente por Amaro, o que não acontece, pois Amaro consegue envolvê-la novamente. O objetivo do abade é livrá-la de Amaro e entregá-la a João Eduardo, que ainda era apaixonado pela mesma.

Ao se aproximar o nascimento de seu filho Padre Amaro aconselhado por Dionísia, vai a procura de uma “cuidadora de crianças”, pessoas que são contratadas para criar filhos indesejados com ajuda financeira, porém ele tem um segundo tipo de cuidadora que seria na realidade uma “ceifadora dos anjos”, essa receberia como a primeira um ano adiantado para os cuidados com o bebê, porém acaba mesmo por dar fim a vida do recém-nascido. Entre sua dúvida sobre o que fazer com a criança padre Amaro acaba escolhendo a segunda opção. O momento do parto se aproxima, e padre Amaro chamado ao local, ao nascer o bebê o entrega a sua assassina, pedindo-lhe que não o mate, que crie a criança, de certo modo arrependido de desejar a morte de seu filho. Amélia ao ser separada de seu filho não resiste e, após algumas convulsões, morre. Ao saber de sua morte, padre Amaro vai em busca do que restara de seu amor, seu filho, mas quando chega a casa de sua cuidadora a criança já está morta. Com remorso pela morte de sua amante e de seu filho, padre Amaro foge para Lisboa com a desculpa de ter sua irmã adoecido, evitando ver a dor da S. Joaneira que não mais veria sua filha. Ele continua sua vida como se nada tivesse acontecido, apenas com as lembranças de seu amor proibido.

Faremos agora uma quase paráfrase do título de Eça de Queiroz, onde levantaremos O Crime de Padre Arcebispo, nesse item iremos trazer as semelhanças e as dessemelhanças entre a obra *O Crime do Padre Amaro* e as evidências do real imaginado ocorrido na cidade do Acaraú.

O CRIME DO PADRE ARTEIRO

Padre José Arteiro Soares chega a Acaraú no ano de 1926, teria mais ou menos uns 31 anos de idade quando se torna pároco daquela cidade cercada pelo mar, berço natal de Padre Antônio Tomaz, poeta adorado dos cearenses, com quem Padre Arteiro conviveu naquela cidade. Após sua chegada logo passa a querer dar a sua paróquia ares mais modernos e faz uma pequena reforma no forro da igreja matriz, essa se deu mais ou menos entre os anos 1926 a 1928.

Um homem jovem, bonito de aparência elegante que possivelmente deve ter despertado algo nas mulheres do lugar, e uma dessas mulheres teria sido D. Maria Augusta Giffoni, filha de uma das famílias mais importantes de Acaraú.

Maria Augusta era catequista e ainda zeladora da Matriz. Não se sabe bem em que momento o relacionamento entre os dois teve início dado o fato de se afirmar nas cartas endereçadas a Dom José apenas que a “amizade” entre eles era já de muito tempo, mas se presume que dada à dupla ligação que ela teria com a religião podemos inferir que tudo foi se desenrolando com o passar do tempo quase que de forma *natural*. Assim também encontramos semelhanças entre Amélia e Augusta no tocante ao fato de as duas serem beatas e viverem dentro da igreja.

Acaraú era uma cidade pequena, como a cidade de Leiria, à época do crime, crime esse, a princípio, cometido pelo padre que se envolve com uma de suas paroquianas, fato do qual era e ainda é proibido aos ministros de Deus. Acaraú não foge a tradição de cidade de interior onde os muros da cidade têm olhos e ouvidos e tudo que acontece se torna suspeito aos olhos curiosos de uma pequena comunidade. A amizade entre um padre e uma mulher não seria bem vista. No romance *O Crime do Padre Amaro* essas pessoas mexeriqueiras encontravam-se bem próximas do casal, sendo elas (es) as beatas(os) que da vida de todos tomavam direitos, uma delas era a madrinha de Amélia e irmã do cônego Dias, d. Josefa Dias o que fazia com que tivessem que pisar em ovos para não serem descobertos.

Essa amizade que nutriam começa a render boatos. Boatos esses ligados ao fato de a jovem, segundo as fontes, fazer visitas à casa de Padre Arteiro. Segundo os relatos da carta de 29 de maio de 1931 a qualquer hora do dia era vista a sair da casa de Padre Arteiro com desassossego, com medo de ser vista. O padre saía logo em seguida sem nenhum assombro em direção à missa. Em suas visitas, observadas nos mínimos detalhes, que se fazia um pouco demorada o que despertava pensamentos luxuriosos na imaginação dos que cuidavam da vida alheia.

Como na história de Padre Amaro ele, Padre Arteiro, também faz amizade com a família da moça de tal forma que não dava ouvidos ao que a população estava a espalhar sobre o dito romance,

seria necessário algo mais forte para quebrar-lhe a confiança o que acontece quando morre a jovem.

A amizade prosperou de tal forma que em determinado momento viu Augusta grávida e como Amélia, atormentada com seus pensamentos a respeito de seu futuro que seria cheio de sofrimento, aonde as pessoas nas ruas iriam lhe apontar o dedo. O caso de Amélia é um pouco diferente do que ocorre com Augusta, pois sua gravidez é levada até o fim, escondendo da sociedade de Leiria e, principalmente, de sua mãe que não desconfiou do que se passava, é somente no dia de seu parto que tudo se complica, pois Amélia e seu bebê morrem, ela tem seu filho de parto natural e após o parto a jovem falece devido a uma forte hemorragia. Amaro entrega seu filho recém-nascido a uma “tecedeira deanjos”. Já Augusta não leva sua gravidez até o fim e acaba tomando um poderoso abortivo, que acaba levando-a morte, segundo as fontes, influenciada por Padre Arteiro.

A partir de sua morte, os boatos que já existiam sobre a amizade dos dois e do motivo de sua morte começam a se espalhar, inclusive, devido a tristeza que apresentava Padre Arteiro depois de sua morte. Uma carta anônima dá início a uma investigação sobre os atos do padre, sendo ele chamado de *lobo* em trecho da mesma e segundo ela teria feito sua primeira vítima a jovem Maria Augusta... Quem seria o autor desta carta? Isto é algo que não temos como descobrir, ou afirmar de certo, porém pelo que se escreve na carta do dia 29, o que nos parece ser obra de alguém que conhecia de perto o romance dado o fato de ele ou ela dizer que o “algoz” teria influenciado a tomar o abortivo no intuito apenas de abortar e não de vê-la morta. Há uma carta escrita por Manoel Albano do dia 15 de julho, que traz a suspeita de ter sua tia Eugenia ajudado a encobrir o relacionamento dos dois, acusada por ele na investigação efetuada por Dom José como responsável direta pelo que se deu caso o fato se confirmasse.

Procuramos nos jornais da época algum registro a respeito da morte da mesma, uma nota que fosse, porém nem mesmo uma menção foi feita a respeito desta, muito provavelmente devido o fato de ter sido a morte de certo modo um suicídio e não algo da natureza. Sua morte só torna-se pública quando da morte de Padre Arteiro. Um crime acaba evidenciando outro.

UM “LÔBO” FAMINTO... “DE PASTOR PASSOU A VERDADEIRO LÔBO”

Neste item iremos apresentar uma pequena biografia a respeito de padre Arteiro, além de trazer mais uma vez os diálogos entre fontes e a obra de Eça de Queiroz, *O Crime de Padre Amaro*, além de leituras dos textos que darão o suporte a escrita.

Quem era esse homem, que culpas ele carregava, seria ele inocente do crime ou culpado por se

apaixonar supostamente por uma jovem, e mais ainda, por não viver com a mesma essa paixão, deixando que a morte a levasse de seu convívio? A resposta nunca saberemos ao certo, o que podemos fazer é a penas interpretar os rastros deixados a respeito de um amor proibido que dilacerou diversos corações. No tocante a beleza de Arteiro, podemos dizer que ele se assemelha a de Padre Amaro, descrito no livro como um jovem padre que chamava muita atenção devido sua beleza, essa fez com que ele conquistasse o coração da jovem mais bonita de Leira, Amélia Caminha.

Na obra de Aureliano Diamantino Silveira, temos alguns detalhes sobre a vida de nosso personagem principal, Padre José Arteiro Soares, detalhes estes muito superficiais, que dão uma pista apenas sobre a figura de nosso padre, este nascido na cidade de Massapê no dia 11 de junho do ano de 1896, filho de José Arteiro Soares e Dona Júlia Cândida Soares. Segundo o autor ele teria se tornado padre em Sobral no ano de 1918, assumindo diversos cargos entre os quais destacamos o de Coadjutor¹⁰ de Tamboril e Independência por duas vezes entre os anos de 1918- 1920, trabalhando ainda como Pró-Pároco¹¹ de sua cidade. De nove de julho de 1920 a dezembro de 1925 foi vigário de Santa Quitéria, saindo no ano posterior para Acaraú.¹² Algo que consideramos muito interessante é o fato de o autor não fazer nenhuma menção ao motivo de sua morte, apenas cita o nome do assassino, deixando nesse silêncio interrogações.

O que há nesse misterioso assassinato? Seria ele fruto de um romance proibido ou apenas uma disputa política¹³, ou teria sido resultado de um amor não correspondido, amargurado, em busca de vingança? Mas se foi uma disputa política, por que tão poucas evidências sobre essa questão e por que tantas versões?

As fontes de que temos trazem diversas imagens possíveis de Padre Arteiro. Ele é em determinado momentos um “lôbo” faminto que devora sua presa sem dó nem piedade, em outro é um “bom homem”, cumpridor de seus deveres, um Padre e um cidadão exemplar. Também há momentos que ele é um ser humano que sente a perda de sua suposta amada deixando transparecer

10Substituto de prior ou prelado no exercício das suas funções. Consultar o site

11Pró do latim em lugar de + Pároco que é o sacerdote encarregado da direção espiritual de uma paróquia.

12SILVEIRA, Aureliano Diamantino. **Ungidos do Senhor. Na Evangelização do Ceará (1700-). 2004** EditoraPremins: Fortaleza, 2004.

13No discurso tradicional feito por pessoas ligadas a Igreja Católica como é o caso de D. Maria Zuleika Coelho, que trabalha na Cúria Diocesana de Sobral e o Sr. Francisco Edvar Pereira Moura, senhor aposentado sendo ele Diácono, colocam que o corrido com o Padre assassinado teria sido um ato carregado de um teor político, em que se criou uma *estória* para desmoralizar a imagem do mesmo além de criar um motivo para se livrar de um padre que não se vergava ao desejo dos líderes políticos do lugar.

a quem o observa a dor de sua perda, segundo o Padre Manoel Henrique, de Camocim, “Tem sido visível a grande comoção do P^e José Arteiro”, escrito em carta do dia 14 de junho de 1931. Quem é ele afinal? O que querem esconder de sua história?

O Monsenhor Vicente Martins¹⁴ traz uma lista com todos os Padres nascidos em Sobral e alguns da região norte do Ceará desde o século XIX até o século XX, escrita pelo autor no ano de 1941, dez anos após a morte de Padre Arteiro, que é totalmente excluído da obra, o que nos faz perguntar por que razão não há nenhuma menção ao seu nome nem tão pouco a sua morte? Queria a Igreja jogar no esquecimento algo que considerava vergonhoso, jogando para debaixo do tapete todos os possíveis deslizes de seus sacerdotes?

A cidade natal de nosso personagem, Massapê, uma cidade pacata situada na região centro-norte do Estado Ceará, estando a 250 km de Fortaleza e a 19,5 km da cidade de Sobral, tem sua formação a partir da construção da Estrada de Ferro que ligaria Sobral a Camocim e posteriormente Sobral a Fortaleza, sendo datada a primeira construção predial no lugar no ano de 1881; em 1883 é doado o terreno para a construção de uma capela¹⁵, que viria a ser a matriz da cidade de Massapê, este doado por Dona Ursula Balbina de Sousa Lima que concidentemente ou não, tinha como Santa de devoção Santa Ursula. O que nos intriga é uma reforma ocorrida em 1963, onde a primeira igreja é derrubada para se erguer uma matriz mais moderna, essa reforma se estende por mais de dez anos, tendo seu fim apenas no ano de 1974, esta que acaba por esconder uma informação indispensável à nossa pesquisa a lápide que indicava o local onde estariam os restos mortais e/ou túmulo de Padre Arteiro que foi soterrada¹⁶.

Segundo Antônio Soares¹⁷, em depoimento não oficial, em uma das reformas ocorridas na Igreja Matriz de Massapê perpetrada pelo então pároco Padre João Batista Frota, não teria tido o cuidado ao fazer essa reforma e acaba encobrindo o túmulo de Padre Arteiro. Porém, esta informação diverge da que tivemos através do Sr. Francisco Evilázio Araújo Carvalho, de que essa reforma tenha sido iniciada bem antes de o Padre João ter sido pároco daquela cidade, fica a dúvida de que tenha sido Padre João Batista quem teria escondido do público em geral um dado relevante da

14MARTINS, Monsenhor Vicente. **Homens e Vultos de Sobral**. 2ª Edição UFC/stylus, 1989.

15AGUIAR, Osvaldo de. **Massapê em foco**. Fortaleza Ce, Imprensa Universitária do Ceará 1969.

16Informação cedida pelo Sr. Francisco Evilázio Araújo Carvalho

17Radialista massapeense, conhecido pelo bordão “Profissão Reporter”. Coordenador de um Ponto de Cultura, em Massapê, além disso, ele é também primo do Padre José Arteiro Soares, assim como do Padre João Batista Soares Frota.

história de padre Arteiro, assim como da cidade de Massapê.¹⁸

Antônio Soares durante nossa pesquisa declamou um soneto que segundo ele, seria supostamente de autoria do Padre Antônio Tomaz, onde relata a visão do mesmo sobre o acontecido a seu contemporâneo Padre Arteiro. Alguns versos seriam mais ou menos assim:

(...) Oh! Monstro ousado, terrível e feio
Que no templo de Deus, sagrado e forte
Fizeste grande e enorme tiroteio
Contra um ministro, contra um sacerdote.
Fizeste um crime, quase nunca visto,
Profanaste de Deus e da Verdade
E não respeitaste sequer ao próprio Cristo...

Em 1962 o Bispo Diocesano de Sobral, Dom João José Albuquerque Mota autoriza a demolição da antiga Matriz, sendo realizada a missa para lançar a Pedra Fundamental, neste momento quem se encontrava como pároco de Massapê era o então Mons. Manoel Henrique de Araújo, contando também com a ajuda do Padre José Ataíde de Vasconcelos. No ano de 1971 assume Padre João Batista Soares Frota como vigário de Massapê, sendo por ele concluídas as obras da reforma da Igreja Matriz e trocando a padroeira Santa Úrsula por N.S. do Perpétuo Socorro. Nessa reforma algo ficou encoberto, não temos informações de onde foram parar os restos mortais de Padre Arteiro enterrado nessa matriz, porém conseguimos tais informações com o Sr. Francisco Evilázio Araújo Carvalho que se diz muito curioso desde pequeno e que teria guardado as mesmas na memória. Segue o que supostamente estaria em sua lápide:

“Aqui jaz os restos mortais de Pe. José Arteiro Soares, Vigário da Paróquia de Acaraú assassinado quando celebrava missa no 19-7-1931
Saudades dos pais, irmãos e familiares.
Massapê – 19 de julho 1932”.¹⁹(grifos do autor)

Quanto mais se pesquisa a respeito do assunto mais complicado fica, as informações sobre a pessoa do Padre são sempre muito escassas e produzidas por mãos das quais não se deve confiar completamente, não diferente das diversas fontes que um pesquisador possa encontrar; o que encontraremos na verdade será sempre a dúvida. Dimas Carvalho em sua obra *Itinerário do Reino*

18Segundo as informações do Sr. Francisco Evilázio Araújo Carvalho a reforma realizada na igreja foi feita entre o anos 1974 e Padre João Batista só vem a se tornar pároco nessa cidade no ano de 1971 quando a construção já estar bem quase concluída.

19Sr. Francisco Evilázio Araújo Carvalho. Tais escritos foram lidos e copiados por ele, quando frequentava a antiga igreja em sua infância.

da Barra, nos fala a “que a dúvida é a resposta a nossas perguntas”²⁰. Talvez assim se torne menos doloroso não poder afirmar algo como definitivamente a história.

Então, o que podemos dizer de nosso personagem principal a partir das fontes que nos chegaram às mãos? Para responder tal questão e as muitas que vão sendo formuladas durante este texto, precisamos adentrar no universo da fonte, tentando extrair dela não o que há de explícito, mas o que não está dito o que está encoberto e/ou disfarçado, fugindo das ilusões que distraiam nosso poder de perceber a “verdade” dos fatos.

A cidade de Acaraú é o cenário de nossa trama “real”. Cidade litorânea, distante de Fortaleza 243 km. O município passa por várias designações, entre elas Oficinas, por conta das oficinas de charqueadas²¹ que existiam em meados do século XVIII, além de Barra dos Parcéis, Terra da Pescaria, Barra de Pees (Barra dos Peixes), Vila da Barra do Acaraú quando este se emancipa de Sobral no ano de 1849, atualmente atendendo pelo nome de Acaraú.²² Foi na matriz desta cidade que o crime se desenrolou. Tudo se inicia e termina na matriz, lugar em que se cria uma memória esquecida das manchas do pecado.

A MATRIZ

Branca e bela
nos proteje
e ilumina
a Matriz
bela e branca
observa
a cidade
e bendiz
à virtude
e ao amor
és um hino
concretude
do sonhar

20 CARVALHO, Dimas. **Itinerário do Reino da Barra**. Fortaleza, Imprensa Universitária UFC, 1993. Dimas Carvalho é neto do memorialista Nicodemus Araújo, poeta e professor universitário, tem uma identidade construída em torno da cidade de Acaraú, que lhe serve de inspiração poética.

21 Segundo Teixeira da Silva, o principal fator da introdução das charqueadas foi a concorrência que as boiadas do Piauí e Ceará tinham com áreas mais próximas do Recife, como as dos sertões do São Francisco. Segundo ele, “por volta de 1740, todo o sistema de comercialização sofreria uma mudança radical [...]. As salgadeiras, também chamadas de fábricas ou charqueadas, expandiram-se rapidamente na vila de Santa Cruz do Aracati. Aí, reuniam-se as condições ideais para a indústria: o sal abundante, a ligação direta com o Interior através do rio Jaguaribe, a situação portuária da vila”.⁶ Mesmo sem indicar suas fontes, Silva é um dos autores que colocou o charque como produto que rapidamente encontrou mercado, inclusive na Bahia, para abastecimento das tropas, das naus, enfim, do comércio atlântico.” OLIVEIRA, Almir Leal de. As carnes secas do Ceará e o mercado atlântico no século XVIII. Temas Setecentistas. Encontrado no site: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/As-carnes-secas-do-Cear%C3%A1-e-o-mercado-Almir-Leal-de-Oliveira.pdf> acessado em 10/12/2013.

22 CARVALHO, Dimas. **Acaraú & outros países**. Edição do autor. 2009.

de Sabino²³

Dimas Carvalho em nota explicativa a respeito da poesia acima, que tem relação direta com Monsenhor Sabino de Lima Feijão, sobralense que se torna vigário em Acaraú no ano de 1932 até 1965, ano de sua morte. Segundo a mesma nota entre os anos de 1943 a 1947 ele demoliu a antiga Matriz que remontava ao século XVIII erguendo em seu lugar a atual Matriz que é uma das igrejas mais bonitas do Ceará, tendo sido projetada pelo artista italiano Agostinho Odísio Baume.

Foi, portanto, na Igreja Matriz, que tudo possivelmente aconteceu, desde os primeiros olhares entre o Padre e a jovem, até seu encontro com a morte naquele momento de terror e medo que se desenrolou dentro da sacristia.

A partir de agora trataremos de um conjunto de cartas num total de 28, escritas a mão e/ou datilografadas, sendo as mesmas trocadas entre Bispo Diocesano da época, D. José Tupinambá da Frota e homens de confiança do mesmo, moradores da cidade de Acaraú, que dão pistas a respeito do comportamento do padre, assim como de sua suposta amada, os boatos que os cercavam dando a perceber o crime pelo qual geraram os motivos de sua morte. Aqui, trataremos apenas de algumas dessas cartas, dado os limites deste artigo.

O trabalho com cartas exige muito cuidado e atenção no tocante a sua disposição e estrutura, a forma da escrita, a ortografia da época, todos os detalhes que possam fomentar nossos questionamentos. O livro *Escrita de Si Escrito da História*²⁴, organizado por Angélica de Castro Gomes, que trata da produção de si como o uso de diários, biografias, cartas e bilhetes. Esses textos são de fundamental importância para nossa produção textual, pois possibilitarão o uso de nossa subjetividade de forma mais sensível, se assemelhando com a escrita de um texto literário, o que nos interessa, posto ser nosso o objetivo a produção de um texto que se assemelhe a literatura no tocante a sensibilidade de nosso subjetivo.

A primeira carta e a que mais revela em seu silêncio está datada do dia 29 de maio, mês da morte de D. Maria Augusta, ocorrida no dia 11. Esta teria sido a carta que acaba dando sequência as demais, ela é endereçada a D. José Tupinambá da Frota que toma conhecimento dos boatos sobre a morte da jovem moça; a carta escrita no dia 11 de junho dá início as investigações, esse mês reserva em seu total cinco cartas ao Bispo, sendo o mesmo avisado em uma das cartas do perigo que padre Arteiro corria ao continuar naquela cidade. Posteriormente temos nove cartas escritas no mês de julho, mês em que Padre Arteiro é assassinado, e mais treze nos demais meses que se estendem até

23 CARVALHO. Op. cit P. 35

24 Ver: GOMES, Angélica de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

o mês de dezembro do ano mesmo ano, estas trazem em sua maioria mensagens de pêsames por conta do que seria a perda irreparável do bispo, o que é interessante nisso é o fato de não ser a dor do padre, mas a dor do bispo, assim como pedidos de benção.

Regis Lopes nos dar algumas referencias para que possamos contar essa história que se mostra cheia de lacunas e que nos faz desejar descobrir mais a respeito. Em seu livro *Papel Passado: cartas entre devotos e o Padre Cícero*, Lopes nos lembra da importância de observarmos alguns detalhes essenciais, tais como o papel, o envelope que o guarda e a forma da escrita em si.

Quando o fiel pega o lápis e deita no papel o pedido que sua boca soletra, ele quer sossegar o coração e curar as doenças do corpo. A súplica há de caber nas mãos do protetor e a resposta ser de seu próprio punho. É um entrelace de louvores e lamentos, proteção e desamparo, corpos e caligrafias.²⁵

O conteúdo de algumas das cartas nos despertam muitas perguntas atizando nossa curiosidade, principalmente as cartas de maio e junho, cartas anteriores ao assassinato de Padre Arteiro, e que nos dão mais detalhes do que se passava naquela cidade.

Acarta anônima escrita em 29 de maio de 1931, que denuncia e cobra punições aos supostos atos libidinosos de Padre Arteiro, e que acabaram levando uma jovem a cometer suicídio. Para tal se faz necessário que tomemos conhecimento de seu conteúdo que encontra-se transcrita abaixo mais ou menos como está disposta em seu original:

Acarahú, 29 de Maio de 1931
Examo Sr. D. José Tupinambá da Frota

E de intera justiça que se informa a V. Excia Reverendissima dos modos pouco recomendáveis do vigário desta freguesia. Nunca elle deixou demonstrar acentuada tendencia libidinosa mesmo a quem não quisesse notar e agora ficou claramente provado: de pastor passou a verdadeirolôbo, porque já fes a sua 1ªvictima que desta vida se passou sob a influencia de poderoso abortivo que tomára para digo que tomára a conselho do seu algoz, não na certeza de morrer, mas na ilusão de fazer esconder do publico os pronunciados sintomas de gravidez. Os boatos que procederam a semelhante desgraça nunca se passavam modo discretos pois o namoro entre elle e a desgraçadavictima sempre foi (mostra do pelo) publico em geral que já a tomara falta de respeito. A toda hora do dia era

25RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Papel Passado: cartas entre os devotos e o Padre Cícero*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.p.12

ella vista entrar na sua casa (delle) com o
desassombro^{de quem} não era vista e sempre se
demorava o tempo bastante para provocar
a malicia publica. Quando sahiaelle o fa-
zia logo depois a caminho da igreja Afa-
milia da infeliz moça sempre foi avisa
da pelos energicos (comentarios) públicos mas
não acreditava dada a confiança de que ne... (papel danificado nesta parte) victima com
quem/
ella a principio se fazia acompanhar
O povo intimamente está revoltado
contra semelhante atentado á sua digni-
dade e elle nem siquer se resente do crime
que praticou e da comunhão á mãe e tia da
victima Tome, Excia, providencia energica. (grifos nossos)

Quando lemos esta carta nos vem à memória uma parte da obra de Eça, *O Crime do Padre Amaro*, em que João Eduardo denuncia os atos do clero local, do qual ele detestava, e com mais veemência ao padre sedutor que estaria prestes a desencaminhar uma jovem rapariga, nesse caso Amélia Caminha, moça com quem ele desejava se casar e que via no Padre seu rival. Este evento quase desestabiliza o romance entre Padre Amaro e sua amada.

A escrita desta carta dá a entender que quem escreve conhece de perto essa relação, pois em determinado trecho, o autor diz que ela “sob a influencia de poderoso abortivo que tomára para digo que tomára a conselho do seu algoz, não na certeza de morrer, mas na ilusão de fazer esconder do publico os pronunciados sintomas de gravidez.”. Nesse momento é que ficamos a atinar quem estaria por traz dessa escrita?

Devemos ter o cuidado com o fato desta *escrita de si* não ser nem um pouco neutra, ela vem cheia de interesses subterrâneos, onde o autor da escrita esconde e mostra apenas o que quer que seja visto, por esse motivo temos que estar atentos e averiguar os mínimos detalhes dessa escrita, assim como a memória, a nossa escrita também é seletiva.

Com relação a análise das cartas, não sabemos se é de imediato que D. José começa a averiguar as denúncias feitas a respeito de padre Arteiro. Mas a carta escrita por ele no dia 11 de junho e enviada ao Sr. João Ramos²⁶, em que o Bispo avisa que teria enviado uma carta do mesmo teor a três senhores da cidade de Acaraú, que ele considera de inteira confiança, que são os Srs. João Damasceno Coelho, Anicelo²⁷ Salles e Manoel Albano, o que demonstra que ele já conhecia algo a respeito do assunto, pois suas perguntas com relação a morte de D. Maria Augusta nos dão

26Nascido em Guaramiranga em 10 de abril de 1906 e falecendo em Fortaleza no ano de 2001. Durante sua vida trabalhou como farmacêutico, jornalista, além de ser um escritor, tendo sido membro da Academia Sobralense de Estudos e Letrase da Academia Cearense de Letras. Pai de Monsenhor Manfredo Ramos.

27Não temos certeza se a escrita desse nome está correta, pois a escrita a mão dificulta a identificação.

evidências desse conhecimento. Vejamos o que diz a carta:

Sobral, 11 de Junho de 1931

RESERVADISSIMA

Illmo Sr. Dr. João Ramos,

Acarahú.

Cordeas saudações.

V.S. não ignora, por certo, os boatos desagradáveis sobre a causa da morte de D. Augusta Giffoni, verificada nessa cidade no mês p. passado.

Como Bispo, tenho o dever indeclinável de abrir rigoroso inquerito a respeito, para elucidar o caso e apurar as responsabilidades; por este motivo dirigo-me aos homens serios e toda a confiança dessa cidade, entre os quais tenho o prazer de contar V.S., confiado em que não negará o seu testemunho conscienciosa. Desde já asseguro a V. S. que de seu depoimento será guardado perpetuo e inviolável segredo, e disto lhe dou por garantia a minha palavra.

Como V. S. é catholico, lembro-lhe que é obrigado em consciencia a attendera meu pedido, feito em nome de Deus todo poderoso.

Assim pergunto a V. S.:

1º – A fallecida morreu de morte natural, ou de morte violenta, provocada por toxico ingerido?

2º – Si de morte violenta, fel-o de seu arbitrio, ou aconselhada por alguém?

3º – Neste ultimo caso, sabe quem aconselhou?

4º – Sabe que droga ingeriu?

5º – Sabe com que fim?

6º – Recebeu em tempo a fallecida os sacramentos da Igreja?

7º – Si não recebeu, sabe a razão porque isso aconteceu?

8º – O vigario recusou-se a assistil-a com os sacramentos?

9º – É publico, ou pelo menos sabido por alguns, que a dita jovem suicidou-se?

10º- Ouviu V. S. fallar sobre as causas que a levaram a esse extremo?

11º – Qual a fama ou a impressão dominante nesta cidade sobre este triste acontecimento?

Peço ainda V. S., em nome de Deus, diga com franquezatudo que souber ber a cerca disso.

Desde já agradeço a V. S. a attenção, que espero merecerá o meu pedido, recommendando toda a brevidade de sua resposta, que deverá ser enviada com todos as precauções, e, si pelo correio, em carta registrada.

Envio-lhe a minha Bençãam e subscrevo-me com estima e consideração

de V. S.

servo e amigo attº

x José, Bispo de Sobral.

Igual carta dirigi neste (isto) aos

Srs João Damaceno Coelho, (Aniceto) Salles, Manouel Albano. Grifos meus.

Essa carta esta datilografada de forma bem organizada, o que demonstra que D. José desejava ser o mais claro possível, ao final do texto ele escreve uma informação extra, a de que a teria enviado cartas semelhantes a outras pessoas que já citamos acima. Um detalhe fica bem notável: é a palavra “RESERVADISSIMA” que o Bispo faz questão de colocar em caixa alta, além de sublinhar, demonstrando a seus leitores que desejava sigilo sobre sua investigação. Demonstrando em sua escrita que é necessário uma investigação a respeito dos fatos para que pudesse tomar alguma atitude diante do padre.

Entre os questionamentos que Dom José levanta estão a causa da morte, a forma como se deu a ação que a levou a morte, se a mesma teria recebido os cuidados religiosos, como a extrema unção. Estes são algumas dos detalhes que dão a perceber que ele já conhecia a história, não apenas por conta da escrita da 1º carta denúncia, além disso, ele queria saber dos boatos e como estavam espalhados na cidade.

Outra carta escrita por Dom José no dia 11 do mês de junho, endereçada exclusivamente ao Sr. Waldemar Gonçalves²⁸, de São Benedito, médico que teria prestado assistência à vítima, também datilografada, contendo novamente a palavra “RESERVADISSIMA”, carta esta curta, porém direta, onde ele pede ao mesmo que quebre o sigilo reservado aos pacientes com relação exclusiva a D. Maria Augusta por ter sido ele o último a ver e ouvir a jovem.

Em carta do dia 16 de junho escrita a máquina pelo Dr. Waldemar Gonçalves, onde ele responde a carta a ele endereçada no dia 11 do mesmo mês, por D. José, onde lhe interrogava a respeito da morte de D. Maria Augusta, o médico diz saber da importância e da confidencialidade do assunto do qual se diz impossibilitado de dar resposta por não ter nenhum indicio da causa morte de D. Maria, segundo ele a moça teria morrido “sem dizer-lhe o mínimo segredo”. Segundo Dr. Waldemar, a jovem teria lhe “articulando apenas o seguinte: não quero medico: eu só quero morrer!...”, dando a entender que não queria ser salva. Nas palavras do médico: “Em synthese: a minha opinião è que Maria Augusta, fora insinuada para por fim tão miseravelmente a sua preciosa vida.”²⁹ Não se tem indícios das razões para tal pensamento a respeito do assunto.

O que entendemos no que transparece nas fontes, é que ela teria ficado muito desolada por ter de abortar seu filho e/ou por perceber que seu amor nunca seria assumido, a ideia de aborto para ela significaria o fim de seu amor e o fim de sua vida, era a prova de que ele nunca iria vingar. Isso a ferira e de tal modo que ela toma a decisão não só de abortar, mas o de morrer por amor...

No dia 5 de julho, mês da morte de Padre Arteiro, uma carta escrita a mão por João Ramos em cinco folhas de papel almaço, demonstra certa preocupação com relação ao assunto da carta e pede ao bispo que lhe resguarde em sua confidencialidade. “Cumprindo com dever de catholico, - uma vez que V.Ex.^{cia} m’o pede, affirmado sob palavra que guardará inviolavel segredo do que nestas linhas vos digo.”³⁰ Do mesmo modo que a maioria dos remetentes, ele também enumera as respostas de acordo com o cronograma da carta de Dom José, aparentemente querendo se

28Medico que socorreu D. Maria Augusta em seus últimos momentos de vida.

29Trechos retirados da carta de 16 de junho de 1931, escrita pelo Dr. Waldemar Gonçalves ao Bispo Diocesano de Sobral D. José Tupinambá da Frota. Ela se encontra disponível no Núcleo de Estudos e Documentação História – NEDHIS.

resguardar de qualquer problema. O que nos faz crer no fato da família da mesma desempenhar algum poder dentro da região, provocando o medo do mesmo falar sobre o que ocorreu nesse período em Acaraú, o que também acontece na escrita de Nicodemos Araújo como já foi dito, quando da apresentação dessa pesquisa. Aparentemente o Sr. Ramos era amigo do médico que teria socorrido a moça, Dr. Waldemar Gonçalves, de São Benedito. Ele teria falado para amigos que a mesma no momento de sua morte estaria grávida de 5 a 6 meses, momento em que a gravidez começaria a ser notada mais facilmente, confirmando a Dom José que o Padre não teria dado a extrema-unção a ela como já foi dito nas cartas anteriores.

O Sr. Manuel Albano em carta ao bispo no dia 15 de julho, a quatro dias do assassinato de Padre Arteiro, nos fala do assunto quase como um confidente de Padre Arteiro, devido o mesmo ter ido falar com ele sobre o convite de Dom José para conversar sobre o assunto da morte da jovem Maria Augusta. O Sr. Manuel fala também sobre o fato de até certo momento não ter necessidade de levar o caso à frente devido à família da jovem não demonstrar nenhuma crença nos boatos que corriam na cidade. Porém, ele atenta para o fato das coisas haverem mudado de figura, estando o Padre correndo um grande risco de morte.

Como os demais ele também seguiu as perguntas que Dom José havia feito. No item 10 ele fala sobre os motivos do suicídio da jovem, segundo ao Sr. Manoel Albano ela estaria grávida de Padre Arteiro, ele tenta colocar essa informação como suspeita, mas logo após afirma que a “amizade estreita” entre os dois era de conhecimento de todos, o que reforça a veracidade do fato. Ainda na mesma carta ele nos fala da participação de uma tia da “vítima” a Sra. Eugenia Giffoni, pessoa a quem o autor da carta coloca como principal responsável pelo ocorrido, claro isso se fosse confirmado depois da investigação da existência do suposto romance entre Padre Arteiro e Maria Augusta. Ele elenca ainda um 12º item em que ele dá nomes possíveis de serem interrogados com relação ao assunto, tais como os Srs. João Coelho, Severo Araújo, Francisco Ewerton, Sebastião Dias e Nicodemos Araújo.

As características encontradas nas cartas nos fazem lembrar o que as leituras a respeito dessa *escrita de si* trazem como por exemplo as estruturas de cartas em que se utilizam de tarjas pretas contornando o papel, o que ocorre por duas vezes em cartas distintas, uma vinda de Camocim, escrita pelo Sr. Wilibrando Pinto e uma de Ipueiras, que não identifica o autor por estar incompleta, mas que dá a entender que foi escrita pelo vigário da paróquia na época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da escrita de nosso texto, fomos montando um quebra cabeças, mas que se parece mais com um labirinto em que nos perdemos e nos achamos enquanto buscamos a possível “verdade” dos fatos relativos ao assassinato de Padre José Arteiro Soares...

Como achar o final do caminho se o que percebemos é apenas o começo? Mesmo agora o que mais surgem são as dúvidas, que dão um ar de mistério que encanta e seduz. Podemos dizer que aqui se inicia uma longa jornada que nos levará não a “verdade”, mas a uma versão e/ou interpretação de um passado, que se pretende confundido com a ficção de um real vivido e imaginado por muitos. Um exemplo desse estado de continuidade é o fato de recentemente ter conseguido mais uma fonte referente ao Livro de Tombo de Acaraú.

Amaro e Amélia, Arteiro e Augusta, até mesmo em seus nomes há semelhanças. Os dois primeiros compõem um romance de ficção, que demonstra o quão difícil é ser um sacerdote e privar-se do instintos, assim como revela o lado corrupto de um homem de Deus que não sendo perfeito e em seu egoísmo só desejava possuir o amor de uma mulher como qualquer outro; seu crime foi apaixonar-se por Amélia e não assumir seus sentimentos com relação a moça, e mais quando do parto de seu filho retirado-o do seio da mãe que morre depois de uma hemorragia e pela falta do filho que é entregue à morte. Padre Arteiro embora possamos considerar que supostamente comete os mesmos crimes, mas de forma diferente, pois deseja livrar-se do fruto indesejado e acaba por perder a jovem Augusta que morre depois, envenenada após tomar remédio para abortar.

Verdade ou ficção o que diremos então, se não podemos negar as evidencias desse amor que imaginamos ser real, e nesse movimento de pensamentos juntamos as peças do quebra cabeças, criando assim não a verdade mais a verossimilhança para tentar dar conta da realidade dos fatos que se mostram em constante transformação a cada olhar que é lançado em direções fontes. Acaba assim o romance “real” como nas ficções onde os personagens principais morrem de amor... Amor proibido, que tem ao final dois corações dilacerados, não haverá mais os braços do amante sagrado e da devota apaixonada, só há o vazio a entristecer os corações de quem ficou e o silêncio tenta por fim apagar da memória o que se passou nos dias marcados por angustia e dor, naquela cidade beijada pelo mar, em que os uivos vindos das águas mostram-se em forma de dor por ver mais um anoitecer cinzento.

O caminho até aqui foi longo e cheio de percalços, mas que se mostrou ao fim cheio de recompensas, como um tesouro que se descobre depois que seguimos suas pistas. Esperamos que este trabalho possa inspirar e encantar a quem se colocar diante de suas contradições, paixão e conflitos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Osvaldo de. Massapê em foco. Fortaleza Ce, Imprensa Universitária do Ceará 1969.

CARVALHO, Dimas. **Acaraú & outros países.** Edição do Autor, 2009

_____. **Itinerário do Reino da Barra.** Fortaleza 1993, Imprensa Universitária da UFC.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História:** Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

EÇA DE QUEIROZ, José Maria. **O crime do Padre Amaro.** Porto Alegre: L&PM, 2007.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

MARTINS, Monsenhor Vicente. **Homens e Vultos de Sobral.** 2ª Edição UFC/stylus, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Literatura:** uma velha nova história. Ver em <http://nuevomundo.reverso.org/document1560.html?format=print> 5/10/2007.

POUSADA, Antônio. **Vida, paixão e morte de Eça de Queiroz.** São Paulo, Clube do Livro, 1966.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida:** reflexões sobre a narrativa biográfica. História UNISINOS, vol. 8, n 10, 2004.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. **Ungidos do Senhor. Na Evangelização do Ceará (1700-). 2004** Editora Premins: Fortaleza, 2004.

SOUZA, Antonio Candido de Mello. **Literatura e Sociedade.** São Paulo, T. A. QUEIROZ, 1972.

30Trecho retirado da carta de 5 de julho de 1931, escrita por João Ramos ao Bispo Diocesano de Sobral D. José Tupinambá da Frota. Ela se encontra disponível no Núcleo de Estudos e Documentação História – NEDHIS.